



MARSHALL É A MENSAGEM: UMA REFLEXÃO SOBRE A TEORIA MCLUHIANA

Haroldo Moscheta Gonçalves¹

Helio Fernando Barbosa Lopes²

Joana Martins Ferreira Correia³

Paulo Stoney dos Anjos⁴

Robson Carlos Gomes de Meneses⁵

Edwaldo Costa⁶

RESUMO: Inesgotáveis, as teorias de Hebert Marshall McLuhan continuam transpondo mudanças tecnológicas ao logo dos anos, confirmando as constatações proféticas do teórico para a Comunicação. Este artigo propõe uma reflexão sobre a obra de McLuhan a partir da visão de importantes pensadores do campo da comunicação, com destaque aos três pilares do universo mcluhiano: "O meio é a Mensagem", "Meios Quentes e Meios Frios" e "Aldeia Global". Seus estudos e conclusões sobre a interconexão estrutural entre o homem, suas culturas, suas necessidades e excentricidades, com o protagonismo inquestionável da tecnologia, permanecem contribuindo na compreensão dos fenômenos comunicacionais da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: *Marshall McLuhan, Mcluhiana. O Meio é a Mensagem. Meios Quentes e Meios Frios. Aldeia Global.*

¹ Mestrando de Comunicação Digital do IDP – E-mail: haroldomgoncalves@gmail.com

² Mestrando de Comunicação Digital do IDP – E-mail: dep.heliolopes@gmail.com

³ Mestrando de Comunicação Digital do IDP – E-mail: joanamartins2@gmail.com

⁴ Mestrando de Comunicação Digital do IDP – E-mail: paulostoney@outlook.com

⁵ Mestrando de Comunicação Digital do IDP – E-mail: robson.cgmeneses@gmail.com

⁶ Pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e coordenador do Mestrado em Comunicação Digital do IDP. E-mail: edwaldo.costa@idp.edu.br

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 – Volume 01 – Edição 31 – Janeiro – Junho de 2025

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

ABSTRACT: Inexhaustible, Hebert Marshall McLuhan's theories continue to transpose technological changes over the years, confirming the theorist's prophetic findings for Communication. This article proposes a reflection on McLuhan's work from the point of view of important thinkers in the field of communication, with emphasis on the three pillars of the McLuhan universe: "The medium is the Message", "Hot Media and Cold Media" and "Global Village". His studies and conclusions on the structural interconnection between man, his cultures, his needs and eccentricities, with the unquestionable protagonism of technology, continue to contribute to the understanding of the communicational phenomena of contemporary society.

KEYWORDS: *Marshall McLuhan. McLuhiana. The Medium is the Message. Hot Media and Cold Media. Global Village.*

1 INTRODUÇÃO

Reconhecido como visionário e um dos principais teóricos da Comunicação, o canadense Hebert Marshall McLuhan “previu os fenômenos sociais e filosóficos gerados pelos computadores e pelas telecomunicações antes mesmo de a internet ser inventada” (PIRES, [s.d.]). De acordo com Barbosa (2017), foi “considerado um dos maiores pensadores do século XX, ao lado de personalidades como como Charles Darwin, Albert Einstein e Sigmund Freud”.

Professor, filósofo e crítico cultural, revelou seu lado ator, com uma ponta no filme *Annie Hall* de Woody Allen, quando fez uma aparição efêmera, expressando a frase “Vocês não sabem nada sobre o meu trabalho”. Nascido em 1911, veio a falecer em 1980, quando ainda integrava a direção do *Center for Culture and Technology*, da Universidade de Toronto.

Conhecido pelos conceitos de “o meio é a mensagem” e “aldeia global”, McLuhan “marcou definitivamente seu nome na história ao encarar os meios de comunicação como atores importantes nas reconfigurações da sociedade” (BARBOSA, 2017, p. 2).

Para McLuhan, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas”, algo que para ele havia sido esquecido pelos pesquisadores e que era mais profundo do que os efeitos do conteúdo ‘As sociedades sempre foram moldadas mais pela natureza dos meios que os homens usam para comunicar-se que pelo conteúdo da comunicação (BARBOSA, 2017, p. 2).

Na obra *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, que o projetou em 1964

como um importante pensador no campo da Comunicação, McLuhan consolidou a tese de que os meios físicos e tecnológicos, desde a fala até a TV, e ainda os meios de transporte, funcionam como “extensões do homem”, que interconecta a humanidade em um mundo “audiotátil” e tribalizado da Era Eletrônica, ou seja:

(...) formam o meio ambiente. no qual ele se move, se projeta e se forma. Aos diversos sentidos - visão, audição, tato, olfato - correspondem outras tantas e diversificadas "extensões" possíveis. O telefone é extensão do ouvido, o livro o é da visão, assim como a roda amplia e modifica as funções do pé humano. O ambiente criado pelo homem - o seu environment - é uma segunda natureza, e forma o próprio homem, ao moldar os seus padrões de percepção do mundo e de si próprio (COHN, 1968, p. 364).

Com a afirmativa do cineasta soviético Sergei Eisenstein: “Assim como o filme silencioso reclamava o som, o filme sonoro reclama a cor”, McLuhan (1972) aponta para uma “oportunidade especialmente favorável” na hibridização atual que existe nas estruturas dos meios, “ou ‘extensões do homem’, ‘produtores de acontecimentos’.

Esses meios sendo extensões de nós mesmos, dependem de nós para sua inter-relação e sua evolução. O fato de que se inter-relacionem e proliferem em novas progêneses tem sido causa de maravilha através das idades. Deixarão de nos espantar se nos dermos ao trabalho de inquirir sobre sua ação. Podemos até, se o quisermos, pensar as coisas antes de as produzirmos”. (MCLUHAN, 1972).

No entanto, o que de fato compõe a obra Mcluhiana? Quais são os conceitos defendidos por McLuhan que extrapolaram os bancos escolares e permearam estudos do mundo todo como uma nova forma de entender a comunicação? Neste ensaio teórico, iremos resumi-la à luz de alguns teóricos que em comum abordam três conceitos fundamentais da obra de McLuhan: “o meio é a mensagem”, “meios quentes e meios frios” e “aldeia global”.

A partir da visão desses autores, cada um desses conceitos será referenciado, mostrando a perspectiva de cada autor, com carência de uma análise profunda das possíveis contradições e divergências que possam existir entre os teóricos, em razão da larga dimensão do assunto. Neste artigo, os conceitos serão apresentados de forma concisa e direta, a partir de definições e redefinições, conforme análises dos autores, para ajudar na reflexão sobre a abordagem de

Marshall McLuhan. Partindo dessa premissa, iniciamos o ensaio com a conceituação de “o meio é a mensagem”.

2 TRÊS CONCEITOS MCLUHIANOS A PARTIR DA REFLEXÃO DE ALGUNS TEÓRICOS

Marshall McLuhan, um dos pensadores mais influentes no campo da comunicação e dos estudos midiáticos, propôs conceitos que não apenas moldaram a compreensão da relação entre tecnologia, meios de comunicação e sociedade, mas também introduziram termos que se tornaram parte do léxico cultural global. Este capítulo explora três dos conceitos mais emblemáticos de McLuhan – "O meio é a mensagem", "Meios quentes e meios frios" e "Aldeia Global" – contextualizados por reflexões de diversos teóricos.

Essas reflexões não apenas iluminam o pensamento mcluhiano, mas também fornecem uma base crítica para entender os desafios e as oportunidades na era digital, em que os meios continuam a moldar as interações humanas e a estrutura da sociedade contemporânea.

2.1 O MEIO É A MENSAGEM

De acordo com Silveira (2011), “Marshall McLuhan não pode ser visto como um acadêmico tradicional, não só pelo senso de humor, presente em diversos momentos de seus escritos, mas também pelo modo que construía e colocava suas ideias”. Diversos conceitos de suas obras viraram jargões. A forma como as obras eram escritas extrapolaram o tradicional, por expor experiências gráficas e tipográficas para explicar e exemplificar uma constatação, algo bem diferente de um tratado formal acadêmico, que se espera de um professor advindo da Universidade de Toronto. O livro *The Medium is the Massage. Na inventory of effects*, como sinaliza Silveira (2011), é um desses exemplos. E o termo “o meio é a mensagem” pode ser considerado um desses jargões de McLuhan, que são reproduzidos popularmente.

Para McLuhan, conforme descreve Silveira (2011), “o meio é a mensagem”. Por mais simples que sejam os meios, eles são extensões do próprio homem, “são prolongamentos de alguma faculdade humana – física ou psíquica. Por exemplo: a roda como extensão ou prolongamento dos pés”, sobrepostos pelo conteúdo, como destaca, Silveira (2011) :

A atenção ao “conteúdo” das mensagens nos impede de ver que é a própria forma midiática (isto é, sua natureza medial) que mais nos impacta. Este impacto deve ser aferido no modo como percebemos o mundo, no padrão

mental, organizacional e/ou perceptivo que passa a ser potencializado ou induzido pelos novos meios. Cada nova tecnologia traz (ou acarreta) profundas transformações sociais, culturais, políticas e civilizatórias. Os meios geram ambientes que moldam os tipos de sociedades e as formas de vida, com consequências marcantes na cultura e nas formas de sociabilidade. É por isso que “o meio é a mensagem. (SILVEIRA, 2011, p. 134)

De acordo com Serra (2007), estudos como os de Marshall criaram a consciência da relevância de que os “meios” possuem nos “fins” um processo de comunicação que desenvolve a própria existência da sociedade humana.

Significa isto que os media, longe de serem meros “meios” ou “instrumentos” de que o homem se serve, nomeadamente para “comunicar” uma “mensagem”, são uma espécie de prolongamento do homem sobre o que o rodeia. E, ao prolongar o corpo humano, os sentidos, os membros, o próprio sistema nervoso de certa maneira, cada meio acaba por configurar a “realidade” também de uma certa maneira, sendo assim, por si só e independentemente do seu “conteúdo” – que, aliás, e como observa McLuhan, é sempre um outro “meio” –, uma certa forma de conhecimento da realidade (SERRA, 2007, p. 85).

Serra (2007) defende, baseado nas concepções de McLuhan, que o homem não está isolado do meio, mas ligado a ele e, ainda, que esse meio é independente por si só. O meio para McLuhan também significa uma mudança de padrão e de comportamento da sociedade.

104

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (MCLUHAN, 2012, p. 21).

Como ilustração prática, o rádio pode ser um exemplo que realça, ainda, o fator construção da imagem no imaginário humano. Esse meio, ao emitir uma mensagem sobre uma partida de futebol aproxima o homem do lance, do gol ou de uma falta. Há uma extensão da audição e uma simulação imaginária acerca do que é descrito pelo narrador.

Duas premissas presidem a epistemologia dos meios eletrônicos elaborada por McLuhan: “nos convertemos no que contemplamos” e “criamos nossas ferramentas e logo estas nos modelam”. É com base nessas premissas que McLuhan examina

duas grandes revoluções tecnológicas que impulsionaram mudanças estéticas, culturais e sociais: a invenção da imprensa no século XV e as novas aplicações da eletricidade (telégrafo, telefone, televisão, rádio e computador) (DEL BIANCO, 2009, p. 1).

A partir dessas premissas, Serra (2007) lança uma reflexão acerca da centralidade do entendimento do desenvolvimento das tecnologias e o impacto transformador. Inovações resultam em um novo ambiente com efeitos e cargas diretamente ligadas à lugares simbólicos. Por isso, para McLuhan, o foco da mensagem precisa estar no meio e não no conteúdo da mensagem em si.

Aqueles que estão preocupados com o “conteúdo” do meio e com os seus “efeitos”, e não com o próprio meio, fazem lembrar o médico que se preocupa com a “doença”, mas esquecendo o doente. Aliás, McLuhan faz notar que o conteúdo de um meio é sempre outro meio: o conteúdo do cinema é a fotografia, o da novela é a escrita, etc. O essencial não é, portanto, o conteúdo do meio, mas o meio em si próprio (SERRA, 2007, p. 86).

Sobre as transformações midiáticas McLuhan, em Silveira (2011), explica ainda que novas mídias surgem e fundem-se, “englobando umas às outras, ao longo do percurso histórico, formando sensibilidades e entornos culturais muito próprios”. É o caso das bibliotecas, que se aperfeiçoaram ao longo da história, partindo do armazenamento de informações incrustadas em tabletes de argila na Mesopotâmia, no século 7 a.c., chegando as chamadas bibliotecas digitais, “extensões das bibliotecas físicas”, como explica (OLIVEIRA, 2019). Esse fenômeno pode ser ilustrado com o que ocorre atualmente com as plataformas de pesquisa na internet e as novas redes sociais, evidenciando um processo de “canibalização”, como define Silveira (2011) à luz de McLuhan:

As mudanças sociais, as transformações nos hábitos cognitivos e/ou nas práticas culturais seriam de tal sorte afetadas pelas mídias enquanto tais, enquanto suportes e artefatos técnicos, que a discussão sobre os conteúdos eventualmente carregados por elas se tornaria ociosa ou secundária (SILVEIRA, 2011, p. 134).

Isso porque McLuhan, de acordo com Silveira (2011, p. 135), defendia que os efeitos das tecnologias ocorrem nas “relações entre os sentidos e nas estruturas de percepção (...) daí o maior

interesse pelo efeito e não por aquilo que os meios dizem”. Nessa perspectiva dos sentidos, McLuhan constrói uma distinção dos meios e classifica-os em “meios quentes e meios frios”.

2.2 MEIOS QUENTES E MEIOS FRIOS

Essa abordagem Mcluhiana promove uma reflexão sobre os impactos no comportamento humano e na evolução cultural, consequentes das interações entre meios, tecnologia e sociedade. Por isso, a interação humana e o desenvolvimento das tecnologias são o cerne do conceito de meios quentes e meios frios concebido por McLuhan.

Sobre esse aspecto, Machado (2004) explica, de forma objetiva, o entendimento sobre meios quentes, como os recursos tecnológicos “que transmitem mais informações e envolvem menos o usuário”; e meios frios, como aqueles “que dão menos informações e permitem ao usuário uma participação sensorial maior”.

Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual. O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários (MCLUHAN, 2012, p. 30).

106

De acordo com Silveira (2011), “o critério é o da saturação de dados, do tipo de impressão sobre os sentidos envolvidos”. Nesse caso, o termo “impressão” é utilizado pelo autor no sentido de impressionar, impactar e não no sentido da utilização de técnicas de impressão. Os meios quentes exigem menos participação humana, quando comparados aos meios frios. No entanto, Silveira (2011) alega que é preciso ter cuidado com a aplicação dessas categorias.

Tais categorias/tipologias não devem ser aplicadas de forma estanque, de modo a “amarrar” os meios. Não se pode perder de vista, nunca, a relação entre eles. Afinal, trata-se de uma “ecologia de meios”. Os meios são definidos como quentes ou frios também na comparação de uns com os outros. Por exemplo: a tevê é definida como um meio frio – frio na comparação com o cinema, por

suposto. Todavia, na comparação com a web, a tevê seria hoje um meio quente. A web seria mais participativa, logo, mais fria (SILVEIRA, 2011, p. 136).

A partir da evolução tecnológica dos meios, e da premissa de que um meio é sempre comparado a outro meio, onde, de certa forma, um novo meio apresenta uma evolução do meio anterior, McLuhan categoriza os meios de comunicação como “redes complexas e vibrantes”. De acordo com SILVEIRA (2011), essas redes exercem fascínio e afetam todos os sentidos, retratando assim um novo ambiente criado pelas mídias, que reflete novas formas de vinculação e aproximação social: “Trata-se de um mundo retribalizado. É a ‘Aldeia Global’.”

2.3 ALDEIA GLOBAL

McLuhan desenvolveu a ideia de que os meios possuem duas vertentes, tribalizantes e destribalizantes. O primeiro, promove a sensação de comunidade e pertencimento, com a união por costumes e valores comuns. O segundo, separação e isolamento, com uma sociedade fragmentada pelo individualismo. A interconexão sistêmica em que qualquer intercorrência afeta todos, caracteriza o que McLuhan denomina de Aldeia Global, como elucida Barbosa (2017):

Em uma aldeia todos estão conectados, pois o que acontece com qualquer membro da comunidade afeta a todos. Esse nível de interdependência teria sido quebrado pelo isolamento da escrita fonética, pois a leitura individual seria destribalizadora. De acordo com o autor, “A nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma aldeia global (1972, p. 50).

No livro *a Galáxia de Gutenberg* (1972, p. 50), o teórico se utiliza da definição “testemunho lírico”, de Pierre Teilhard de Chardin, para ilustrar o entendimento sobre a aproximação entre as pessoas, ocasionada por meio de recursos tecnológicos, influenciando na concepção do conceito de Aldeia Global:

Ora, até o ponto em que — sob o efeito dessa pressão e graças à sua permeabilidade psíquica — os elementos humanos se infiltrarem cada vez mais um no outro, suas mentes (misteriosa coincidência) ficaram mutuamente estimuladas com essa proximidade. E assim, como que dilatadas em si próprias, cada uma estendeu pouco a pouco o raio de sua influência sobre a terra que, por esse mesmo motivo, se via cada vez mais contraída. O que, de

fato, estamos vendo acontecer no paroxismo moderno, já foi dito e rédito muitas vezes. Através da descoberta de ontem da estrada de ferro, do automóvel e do aeroplano a influência física de cada homem, antigamente restringida a poucos quilômetros, estende-se agora a centenas de léguas ou mais. Melhor ainda: graças ao prodigioso evento biológico representado pela descoberta das ondas eletromagnéticas, cada indivíduo encontra-se doravante (ativa e passivamente) simultaneamente presente, em terra e mar, em todo recanto da terra (MCLUHAN, 1972, p. 50).

Gropo, (2021) sugere que o conceito de Aldeia Global, no contexto do capitalismo, fortaleceu a capacidade de dominação das grandes corporações e acentuou a alienação humana, pelo fato de os indivíduos permanecerem imersos em si, “em seu próprio campo estreito da razão instrumental e da dominação exercida pelas grandes corporações da política e economia”.

Assim, o mundo da “aldeia global” parece ter se constituído mais como uma nova era, “globalizada”, do capitalismo – recriando em doses ainda mais universais, em vez de superar, o individualismo possessivo, o consumismo, o domínio tecnológico, o racionalismo instrumental, o tecnicismo, as relações formalizadas de mercado, a insensibilidade com o humano e a fragmentação das culturas não-modernas (GROPPO, 2021, p. 22).

Para ajudar na compreensão sobre porque indivíduos são suscetíveis a venerar tecnologias, ou extensões de si, McLuhan se utiliza do mito de Narciso para abordar o fenômeno da adoração humana por “Gadgets” (MCLUHAN, 2012). Em uma abordagem filosófica conceitual embasada por Miller, Antelo (2008) explica que ao distinguir técnica e tecnologia “podemos diferenciar o gadget dentro do tecnológico como articulação da ciência com o discurso do mestre que ordena que tudo funcione”. A seguir, o assunto é explorado com mais profundidade

2.3.1 O Mito de Narciso e a Veneração Tecnológica

Marshall McLuhan, em sua análise sobre os meios de comunicação e suas relações com a sociedade, frequentemente utilizou referências culturais e mitológicas para ilustrar conceitos complexos. Um desses exemplos é o uso do mito de Narciso para explicar o fascínio humano pelas tecnologias, que ele descreve como extensões do próprio homem. Essa abordagem se apresenta como uma ferramenta poderosa para compreender a maneira como os indivíduos se relacionam com os "gadgets", termo utilizado por McLuhan para designar dispositivos tecnológicos que, embora funcionais, também são objetos de desejo e adoração.

McLuhan (2012) associa o mito de Narciso à capacidade das tecnologias de criar uma ilusão de completude e satisfação, ao mesmo tempo em que alienam o indivíduo de si mesmo. No mito original, Narciso é enfeitiçado por sua própria imagem refletida na água, incapaz de reconhecer que o objeto de seu amor é apenas uma projeção de si mesmo. De forma análoga, McLuhan argumenta que as tecnologias funcionam como espelhos que ampliam nossas capacidades, mas também nos desconectam das consequências dessa expansão. Para ele, “a extensão de um sentido humano por meio de um dispositivo tecnológico resulta em um amortecimento de outros sentidos”, um processo que denomina de "anestesia narcísica" (MCLUHAN, 2012).

Na visão de Antelo (2008), a compreensão da veneração por gadgets exige a distinção entre técnica e tecnologia, como sugerido por Miller. Essa diferenciação permite situar o gadget como uma articulação específica dentro do contexto tecnológico, onde a ciência e o discurso social se entrelaçam para criar dispositivos que não apenas resolvem problemas, mas também reforçam estruturas de poder e controle. Gadgets são, portanto, instrumentos que transcendem a funcionalidade: tornam-se objetos de desejo, modelando comportamentos e influenciando a forma como percebemos a realidade (ANTELO, 2008).

A veneração por gadgets, segundo McLuhan, reflete o que ele chamou de "efeito narcísico da tecnologia". O indivíduo, ao utilizar um gadget, percebe nele uma extensão de suas capacidades corporais e mentais, como a audição amplificada por fones de ouvido ou a visão expandida por telas digitais. Esse processo cria uma relação simbólica de dependência e admiração. Contudo, McLuhan adverte que essa extensão também gera uma perda de equilíbrio sensorial, na qual a atenção a uma tecnologia pode obscurecer o impacto mais amplo que ela exerce sobre o indivíduo e a sociedade.

Outro aspecto relevante dessa discussão é a perspectiva de Groppo (2021), que analisa o conceito de Aldeia Global à luz do capitalismo contemporâneo. Para Groppo, os gadgets representam o auge de um processo histórico de domínio tecnológico, no qual as grandes corporações se tornam as principais mediadoras das relações humanas. Ele argumenta que, enquanto prometem conectar as pessoas e facilitar suas vidas, os gadgets também contribuem para a alienação, reforçando o individualismo possessivo e o consumismo. Nesse sentido, o fascínio por gadgets pode ser interpretado como um sintoma de um sistema econômico e social que privilegia a mercantilização da experiência humana (GROPPO, 2021).

Ao compreender os gadgets como extensões de si, é possível também refletir sobre as implicações éticas e sociais desse fenômeno. Como destaca Del Bianco (2009), as tecnologias, enquanto produtos culturais, carregam consigo valores e ideologias que moldam os modos de vida e as relações sociais. Assim, ao venerar tecnologias, os indivíduos não apenas reafirmam suas capacidades, mas também se tornam cúmplices de um sistema que perpetua desigualdades e transformações sociais nem sempre evidentes.

A aplicação do mito de Narciso na análise da relação humana com as tecnologias não apenas evidencia a complexidade dessa interação, mas também instiga uma reflexão crítica sobre os limites e implicações de nossa dependência tecnológica

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões realizadas pelos teóricos citados acima, conclui-se que retratar as teorias de McLuhan não consiste em esgotar a questão com uma definição clara e concisa. Conceitos difundidos mundialmente sobre a aldeia global em que estamos inseridos, são abordados em diferentes perspectivas e à luz de cada aplicação empírica da sociedade pós-moderna.

O próprio autor destaca sua sabedoria ao admitir a complexidade de sua obra, nos levando a crer que há um tom proposital em cada escrita, que não só nos faz compreender determinados fenômenos comunicacionais, como nos leva a questionar sua aplicabilidade no cotidiano.

No entanto, é inegável que sua obra perpassa o tempo e ainda se mostra inovadora e revolucionária, podendo ser utilizada como referência teórica para qualquer fenômeno comunicacional moderno, principalmente quando associado a qualquer um dos fenômenos teóricos apontados acima. Afinal, se o meio é a mensagem, McLuhan é o código que pode ser aplicado a qualquer conteúdo. Para além da Galáxia de Gutemberg, a de McLuhan é igualmente inesgotável.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Esteban. Técnica e tecnologia: considerações epistemológicas e pedagógicas. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 67-88, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARBOSA, Rodrigo Miranda. Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Compreendendo McLuhan: O que são meios quentes e meios frios 1. Fortaleza- CE: 2017.

COHN, Gabriel. O meio é a mensagem: análise de McLuhan. In: Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo, TA-Queiroz, 1987. Pág. 363-371.

DEL BIANCO, Nelia Cristina. McLuhan e a estética midiática: do impacto dos meios de comunicação às configurações tecnológicas. *Revista Comunicação Midiática*, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2009. Disponível em: <https://www.fc.unesp.br/revistacomunicacaomidiatica>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GROPPO, Luís Antonio. Aldeia global ou globalização neoliberal? Reflexões sobre a relação entre tecnologia e sociedade. *Revista de Ciências Sociais e Humanas*, v. 29, n. 1, p. 15-34, 2021. Disponível em: <https://revistacienciassociais.uem.br>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MACHADO, Irene. Mídias como expansão dos códigos culturais: a história da cultura segundo McLuhan. *Contracampo: Revista de Mídia, Cultura e Comunicação*, Niterói, v. 25, n. 1, p. 37-54, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17371>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MCLUHAN, M. A Galáxia de Gutemberg - a formação do homem tipográfico. volume 19 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional Editora da Universidade, 1972.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2012.

OLIVEIRA, Luciano Alan Rodrigues de. Bibliotecas: uma breve revisão histórica. 2019. 52f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências da Informação, Natal, RN, 2019.

PIRES, R. **Marshall McLuhan: quem foi, principais ideias e obras**. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/marshall-mcluhan/>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SERRA, Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2007. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110824serra_paulo_manual_teorias_comunicacao.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVEIRA, F. A Galáxia de McLuhan. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 59, 6 set. 2011.